



# XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:  
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

## XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

### GT-1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

#### DO ESTUDO DA INFORMAÇÃO REPRESENTADA AO DAS CONDIÇÕES PARA SUA REPRESENTAÇÃO

#### *FROM THE STUDY OF REPRESENTED INFORMATION TO CONDITIONS FOR THEIR REPRESENTATION*

**Claudio Paixão Anastácio de Paula**, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** O objetivo deste artigo, o ensaio de uma heurística composta a partir de uma revisão de tipo integrativo, é fazer dialogar ideias de disciplinas e autores que tratam da gênese da informação e do conhecimento para sugerir a possibilidade de que a Ciência da Informação transfira o seu foco epistemológico do estudo da informação representada para a investigação das condições que possibilitam a sua representação. Sugere-se que essa alteração se torne o embrião de uma teoria do conhecimento própria à área que a reposicione como principal protagonista frente às demais áreas que estudam a informação. Para isso, evocam-se a participação da psicologia no passado interdisciplinar da área; a noção de cognição; concepções extraídas da Epistemologia Genética, da Antropologia do Imaginário, da Psicologia Analítica e da Bibliopsicologia; inspirações da Escola Esquemática da Ciência da Informação; e elementos da área embrionária da memética para sugerir a possibilidade de uma Epistemologia Genética da Informação.

**Palavras-Chave:** Epistemologia Genética da Informação; *Mnémas*; *Schèmes*; Memética.

**Abstract:** The aim of this article, the essay of a heuristic composed as an integrative type review, is to discuss the genesis of information and knowledge through ideas from different disciplines and authors to suggest the possibility that Information Science may transfer its epistemological focus from the study of the represented information to the investigation of the conditions that make possible its representation. It is suggested that this change becomes the embryo of a theory of knowledge specific to the area that can replace it as the main protagonist among the other areas that study information. For this, is evoked: the participation of psychology in the interdisciplinary past of the area; the notion of cognition; conceptions extracted from Genetic Epistemology, Anthropology of the Imaginary, Analytical Psychology and Bibliopsychology; inspirations from the Information Science Schematological School; and elements from the embryonic area of memetics to suggest the possibility of a Genetic Epistemology of Information.

**Keywords:** Genetic Epistemology of Information; *Mnémas*; *Schèmes*; Memetics.

## 1 INTRODUÇÃO

Enquanto a Ciência da Informação (CI) é, na terceira década do século XXI, convocada a responder epistemologicamente a uma conjuntura interdisciplinar na qual e para a qual ela foi gestada, mas da qual ela tem se afastado (PINHEIRO, 2006), a informação segue alheia (como sempre seguiu) às transformações da sua Ciência: caminha seguindo ritmos próprios propondo problemas cada vez mais indisciplinados.

Este ensaio responde a essa provocação com outra: a da criação de uma resposta heurística transdisciplinar da CI à interdisciplinaridade do seu objeto.

Quando McLuhan, nos anos de 1960, buscou em Walter Benjamin a proposição de que a imprensa havia retirado o mundo do coletivismo tribal e o redirecionado a um individualismo moderno sob a mediação do livro (McLUHAN, 1994) e, dali, para uma aldeia global mediada pela comunicação de massa, essa ideia revolucionária sequer alcançava a dimensão das transformações que ainda viriam sob a mediação dos meios eletrônicos digitais e de informação móvel. O coletivismo eletrônico de Maffesoli (2007) superou a aldeia global e criou, pela troca quase instantânea de informações, um tribalismo hipermoderno capaz de fazer a alteridade sucumbir pela ação das epidemias psíquicas em política e em outras áreas do domínio social (BOECHAT, 2018) causadas pela informação.

Um olhar atento para as transformações pelas quais o Campo Informacional tem passado deveria servir como referência para a CI, o único território do pensamento que tem por objeto principal a informação, não só se adaptar às modificações ambientais e sobreviver às mudanças do contexto, mas antecipar movimentos futuros, criando, hoje, heurísticas que lhe permitam assumir o centro do sistema e não permanecer como um corpo que o orbita (passível de, como Plutão, passar a subplaneta). Para isso, é necessário reconstruir as representações norteadoras da área enquanto um campo dentro do campo dos estudos sobre a informação. Percorrer o Campo Informacional recolhendo subsídios para elaborar uma epistemologia comparativa sobre as formas de conhecer que proponha uma teoria antropológica, funcional e racional da informação que reposicione a CI, para além dela própria, num cartograma simbólico<sup>1</sup> aplicável aos estudos informacionais.

---

<sup>1</sup> Um cartograma é um mapa que mantém a forma relativa de cada zona o tanto quanto possível, mas cria uma distorção intencional no tamanho delas para exibir a preponderância do dado que se quer evidenciar. A ideia de um cartograma simbólico sugere um peso simbólico para os referenciais provenientes de teorias complementares no desenho final da proposta.

O objetivo deste artigo é promover o diálogo entre ideias de disciplinas e autores que tratam da gênese da informação e do conhecimento e sugerir uma mudança no *leitmotiv*<sup>2</sup> da área: uma passagem do estudo da informação representada para a investigação das condições que possibilitam a sua representação. Propor, ainda, que essa alteração possa se tornar um elemento central de uma teoria do conhecimento própria à CI que a reposicione como principal protagonista frente aos desafios vindouros.

## 2 RETORNAR PARA PROGREDIR

Qualquer antecipação do futuro da CI irá evocar, inevitavelmente, o seu legado de interdisciplinaridade. Legado muito mencionado e celebrado, mas cada vez menos praticado. Como Pinheiro (2006) deixou claro, houve uma mudança gradativa no peso em que as áreas que compuseram as bases da CI foram tendo dentro dela ao longo do tempo: um progressivo empobrecimento da atenção dado a áreas seminais.

Entre sua “fase conceitual e de reconhecimento interdisciplinar”, entre 1961/62 e 1969 (onde era definida como derivada e relacionada à lógica, à linguística, à pesquisa operacional, à administração, à biblioteconomia, às comunicações, às artes gráficas, a uma ampla gama de “assuntos correlatos” como a “tecnologia de computadores”, à matemática e, à psicologia) e o momento em que a autora escrevia, notava-se uma flagrante perda de relevância de algumas perspectivas dentro da área. Dentre os conteúdos cadentes, chamou à atenção da autora “o fato de que Psicologia, reconhecida por sua interdisciplinaridade com a Ciência da Informação, nas primeiras décadas, agora aparece apenas numa disciplina, Necessidades e usos de informação” (PINHEIRO, 2006, p. 27).

Os processos de significação do mundo, de busca e de uso da informação são inseparáveis das dimensões biológica, histórica, cultural, social e tecnológica, e, qualquer ação efetiva e duradoura nessa área somente se tornará possível se levar em conta o conector de todas essas dimensões: o fio de Ariadne<sup>3</sup> psicológico. Desconsiderá-lo é arriscar que as questões subjacentes aos comportamentos visíveis acabem conduzindo (1) as ações mais bem intencionadas à inefetividade; e (2) limitando as pesquisas a resultados de caráter

---

<sup>2</sup> Ideia, tema ou fórmula que reaparece de modo constante no discurso de uma área, com valor simbólico significativo e com o objetivo de expressar uma preocupação dominante.

<sup>3</sup> Alusão ao fio que Ariadne ofereceu ao herói Teseu e que solucionou o problema do labirinto com um recurso simples e obvio. Em metodologia, refere-se à aplicação exaustiva da lógica para seguir indícios pela ordenação gradativa da investigação e da opção de retornar a um registro mental anterior sempre que uma solução se revelar infrutífera.

prescritivo/moral e a uma compreensão fragmentada das competências necessárias para o intercâmbio de informações em ambientes mutantes e instáveis.

Vários autores, Venâncio (2007), Bawden e Robinson (2008), Albright (2011) e Paula (2012a; 2012b), apontaram para a necessidade da busca por instrumentos, abordagens e soluções que ultrapasassem os limites da maioria dos estudos desenvolvidos até então e, colocassem no centro componentes psicológicos, sem os quais, seria impossível compreender os fundamentos do comportamento informacional, toma-lo como “o desafio mais básico para a ciência da informação nas próximas décadas” e entender as “maneiras pelas quais ele se modifica ao longo do tempo” (BAWDEN; ROBINSON, 2008, p. 9).

Também Silva (2021) sugeriu que a iniciativa de buscar um conceito integrador para a compreensão dos fenômenos infocomunicacionais e do conceito de informação seria uma iniciativa inédita e inovadora. Esse conceito, o imaginário, ofereceria acesso à carga polissêmica e epistemológica evocada pela informação (estudada, catalogada, compreendida, compartilhada, interpretada e mediada). Como exemplos, Silva indica a abordagem introduzida por Paula (1999, 2005) e Araújo (2013, 2017) e desenvolvida por outros autores.

A manipulação e distribuição *delivery* de mentiras via celular levou as eufemísticas pós-verdades a um paroxismo nunca antes visto que afeta o imaginário de populações inteiras pelo concurso da intensa disseminação de mentiras (eufemisticamente, “notícias” falsas, ou, pelo anglicismo mercadológico, *fake news*). As epidemias psíquicas em sociopolítica (BOECHAT, 2018), à luz de McLuhan (1994) e Maffesoli (2007), tornam-se, por ações orquestradas, uma distribuição de cobertores infectados com “varíola virtual” semelhante aos que exterminaram a tribo dos Goitacazes (Bueno, 1999): manipulam o tribalismo pós-moderno espalhando contaminações que atendem interesses particulares.

Essas intervenções são orquestradas para alterar a percepção e promover o idiota da aldeia (ECO, 2017) ao posto de portador da verdade, potencializando-o, digitalmente, como pilar de realidades alternativas onde milhares foram habitar: emissor e meio criaram desinformação, disseminaram crenças anticientíficas e espalharam conspirações que abriram o espaço público para outros disseminadores mais eficientes de mentiras interesseiras.

Compreender a situação e o contexto originais de criação dessas mentiras, sua dinâmica de disseminação, gênese da condição atual, processo de dispersão e contaminação é urgente, e exige procurar os “comos” e “porquês” da penetração dessas informações (falsas, mas carregadas de significados) nos imaginários individual e coletivo.

Capitalismo de vigilância, algoritmos de redes sociais, ecossistemas de desinformação e *bots* de internet extrapolaram o domínio das Ciências da Computação e da Informação, para se tornarem tema de investigação de muitos domínios de conhecimento. Nesse cenário, questionamentos tomam forma: Que lugar a CI ocupará? A partir de que quais premissas? Qual contribuição efetiva garantirá essa ocupação?

A resposta exige ir além das fórmulas consagradas, abandonar o útero (o lugar estreito que já foi bom, mas pelo avanço natural da gestação, não comporta mais o que antes aconchegava) e buscar novas formas de existir em outros territórios.

### 3 SOBRE IMAGINAÇÕES E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Uma alternativa possível seria recuperar para a área a ousadia idealista (no sentido lato) da proposta de reconstrução do mundo simbólico a partir das ferramentas críticas sugerida pela Escola Esquematista (EE) da CI – que, ao longo de mais de 50 anos, acenaram para amplificação de escopo (SALDANHA, 2018). Criada por Robert Estivals em diálogo com as reflexões de Otlet, Roubakine e Peignot, apoiada nos campos da estética, da política e da arte e em oposição crítica às escolas oriundas das universidades norte-americanas (SALDANHA, 2018) a EE vai do Inter ao Transdisciplinar.

Sua inspiração pode ser transportada para mediar dois caminhos que polarizam e dividem as atenções da área: (1) a via histórica, etimológica e hermenêutica da CI; e (2) a via que posiciona os estudos da informação numa empiria crescentemente preocupada o movimento epistemológico e formativo caracterizado pelo domínio instrumental da tecnologia digital típico das *iSchools* (*Schools of Information Science*) (GOUVEIA; SILVA. 2020). Produzir pontes, meios termos e diálogo entre essas vias, que têm caminhado em paralelo e produzido choques nos eventuais entrecruzamentos, pode criar espaços epistemológicos de diálogo.

Na essência da EE é trabalhada, numa perspectiva crítica, a uma ferramenta-ponte: a cognição. Elemento caro e comum às duas vertentes epistemológicas e que pode reunir as bases biológicas às contrapartes sociais ao atravessar as implicações cognitivas essenciais às tecnologias da informação.

À exceção dos reflexos, nenhum comportamento humano ou informacional passa ao largo da cognição. Consequentemente, a compreensão da cognição da informação na esfera subjetiva da desinformação e a sua expressão em ações individuais, coletivas, materiais e virtuais, por sua amplitude, não pode abrir mão das referências multidisciplinares.

Não basta afirmar a interdisciplinaridade da CI é preciso torna-la assim. Não basta abrir-se para aceitar docentes, discentes e pesquisadores de diversas áreas, é fundamental incorporar contribuições dessas áreas equilibrando aproximação e distanciamento crítico.

Há alternativas interessantes: a antropologia do imaginário (pensando o imaginário e as criações humanas como um sistema, e não como imagens agrupadas por convenções culturais ou semelhanças icônicas); as teorias econômicas (buscando as condições necessárias e suficientes para a circulação das informações no mercado); as neurociências (estudando a relação informação/produção de sentido/tomada de decisão); e, dentre muitas outras, há a embrionária memética<sup>4</sup> e o estudo dos memes<sup>5</sup>.

Sendo a informação um objeto interdisciplinar, sua abordagem efetiva precisaria superar a divisão artificial (e tomada como natural) entre as áreas do conhecimento: um esforço transdisciplinar para abordar um objeto interdisciplinar.

Retornar, em novas bases, o olhar CI para a ecologia da informação (DAVENPORT, 1998) e os seus distúrbios considerando uma cultura da urgência (AUBERT, 2003), matizada por crenças e narrativas enraizadas no imaginário, oferece uma oportunidade de aprofundamento de suas contribuições à sociedade e à academia.

Isso demanda refletir sobre a natureza e as etapas através das quais circulam tanto informações quanto desinformações: retomar o estudo dos postulados, conclusões e métodos basilares do ato de conhecer para entender como a informação, verdadeira ou não, é formada, apreendida e disseminada. Em síntese, chegar, através do exercício de uma epistemologia genética<sup>6</sup>, até uma epistemologia genética da informação<sup>7</sup>.

Uma epistemologia genética da informação, apesar sobreposição dos termos informação e conhecimento (XAVIER; COSTA, 2010), não é uma redundância. Uma

---

<sup>4</sup> A memética desenvolveu-se a partir dos modelos matemáticos da Genética das Populações e da Epidemiologia, com o intuito de estudar os memes.

<sup>5</sup> Há dois significados diferentes para palavra meme. Há o meme conteúdo viral (frase, imagem, ideia ou associação destes) geralmente de cunho humorístico e grande capacidade de contágio disseminado na internet (ARAÚJO *et al*, 2020). E há o meme proposto pelo Darwinismo universal (DAWKINS, 2007; LEAL-TOLEDO, 2017), menos popular, que diz respeito a unidades de informação que, na cultura, tem um papel análogo ao dos genes na genética evolutiva, sendo responsáveis pelo repasse de informações e da própria cultura de uma geração para outra.

<sup>6</sup> Jean Piaget chamou de Epistemologia genética a teoria do conhecimento proposta por ele para entender, na aplicação criteriosa e falseável do método científico, os modos como se perpetua o conhecimento (em suas possibilidades e limitações), como ele surge e como ele se desenvolve (Ramozzi-Chiarottino, 1988) através da aplicação do método clínico (Obana, 2015).

<sup>7</sup> Evoca-se aqui, portanto, o conceito e as reflexões da epistemologia genética para pensar as implicações da sua aplicação ao conceito de informação.

epistemologia genética da informação é proposta como a procura pela origem e as bases da capacidade para o ato de conhecer que sustentam e organizam a informação.

Propõe-se uma heurística onde posições aparentemente distantes dialoguem e chamem a área para a ousada tarefa de acenar para descobertas futuras recorrendo a múltiplas fontes e ângulos possíveis sobre o tema da informação, e a fazê-lo a partir de um ensaio que resgate a categoria crítica do espírito e a coragem de submeter a teste a força ou a fragilidade de uma ideia para, assim, arriscar-se a tornar completamente visíveis a grandeza ou a miséria de uma proposta (BENSE, 2014).

Numa época onde a separação entre os conteúdos profissionais e amadores foi borrada (KEEN, 2008) e a relevância dada às opiniões e aos dados é a mesma, urge combinar literatura empírica e teórica, coletar dados diversos e direcioná-los para definir conceitos, identificar lacunas, revisar teorias e analisar metodologias. Instrumentalizar-se como quem redige uma revisão de tipo integrativo (BIBLIOTECA DANTE MOREIRA LEITE, s.d.) para desenvolver ideias novas a partir do substrato especulativo de uma imaginação que, pela capacidade de apontar soluções possíveis para um problema sobre o qual ainda não há dados suficientes para elaborar uma resposta definitiva, execute uma heurística (do grego, encontrar / *εὐρίσκειν* / *heuriskein*): a imaginação criadora de Bachelard (1989).

#### 4 BUSCANDO VEREDAS EM UM GRANDE SERTÃO

Não é uma novidade a utilização das contribuições da epistemologia genética em outras epistemes, Paula (2019, 2021) reuniu ideias de Carl Jung, Gilbert Durand, Jean Piaget para discutir as relações entre reflexos, *schèmes*<sup>8</sup>, arquétipos<sup>9</sup> e a gênese da relação do humano com a informação.

---

<sup>8</sup> Os *schèmes*, segundo Cavalcanti e Cavalcanti (2015) seriam impressões duradouras deixada na mente por estímulos ambientais assentadas em três grupos básicos de reflexos verificados em bebês neonatos e que estariam na base do despertar sensório-motor de cada indivíduo.

<sup>9</sup> Descritos por Vieira (2003) como formas instintivas de imaginar, a adjetivação “formas instintivas” e a própria referência ao instinto foi atualizada (PAULA, 2019; 2021) como formas de imaginar originadas de reflexos instintivos atualizados na interação com o meio: uma reformulação a imbricação da senso-motricidade e das experiências ambientais com os arquétipos que aparecem em Jung (1991, p. 356) como modelos que “nascem da estrutura inconsciente da psique e são apenas liberados pelo efeito do objeto”, para uma concepção onde elas nascem da interação com os objetos, se inscrevem como referenciais organizadores no cérebro, e retornam para entrarem “em função sempre que não existam ainda conceitos conscientes ou que, por razões internas ou externas, sejam elas de todo impossíveis” (JUNG, 1991, p. 356) e criarem tendências e concepções

Propõe-se expandir esse diálogo evocando autores como Paul Otlet, Nicolas Roubakine e Robert Estivals e ampliar as referências deles à psicologia e à cognição a partir dos *insights* da hipótese memética, da variação memética e da associação memética.

A base para essa ampliação seria o estudo das condições necessárias para o ato de conhecer a partir da noção de *schème* – que, em *Biologie et connaissance* (PIAGET, 1967), ganhou expressão por aglutinar, na complexidade e na operacionalidade das ações do sujeito, a construção do conhecimento e a construção da noção psicológica do real.

Piaget denominou *schèmes* de ação aos elementos na mente que, em uma atuação sobre o ambiente, pudessem ser transportados, generalizados ou diferenciados de uma situação para a seguinte.

Durand (1997) usou o *schème* para colocar no centro da construção do imaginário a capacidade de usar as referências das experiências antropológicas típicas da espécie humana (dinâmica postural, deglutição/digestão de alimentos e experiências reprodutivas) para construir o conhecimento e significar o mundo.

Para Paula (2021): (1) retirar dos instintos do lugar de reações automáticas produtoras de reações estereotipadas (inferiores, inatas e não modificáveis pela experiência) a estímulos específicos (PIERI, 2002) e conectá-los a uma dimensão psiquificada – os arquétipos (JUNG, 1991); e (2) vincular a origem do arquétipo a uma instância anterior, o *schème* (DURAND, 1997), e considerando-o um conector entre os gestos sensório-motores inconscientes, reflexos dominantes e representações mentais subjacentes (PIAGET, 1967) criadas pela humanidade sobre si e o mundo; ofereceria uma nova perspectiva sobre os processos mentais subjacentes à mediação, disseminação, representação, organização, classificação e representação (intra e extrapsíquica) da informação.

A progressão (sugerida em PAULA, 2019; 2021) do instinto aos reflexos, aos *schèmes*, aos arquétipos, aos símbolos e, finalmente, ao conhecimento, seguiria as seguintes etapas: (1) a primeira exposição de uma criança humana a um estímulo ambiental desencadeia as primeiras interações dela e as suas primeiras reações reflexas a esse estímulo; (2) a conversão de reflexos sensório-motores em *schèmes* (Durand e Piaget) pela ação das estruturas mentais nada programadas específicas para o ato de conhecer (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 1988) se inicia. Esses *schèmes* originam processos lógicos de construção das noções de tempo, espaço e

---

subjetivas organizadoras mais fortes do que a influência do próprio objeto e com valor psíquico tão maior que elas “se sobrepõem a qualquer impressão” (JUNG, 1991, p. 356).

causalidade e elementos essenciais ao processo natural de desenvolvimento da mente e sustentação para a apreensão simbólica<sup>10</sup>/mental do mundo (FORDHAM, 1980)<sup>11</sup>; (3) em decorrência desses *schèmes*, com novas estimulações que os evocam e os recombina, surgem novas estruturas partindo da reunião das primeiras, originando o que Durand (1997) e Jung (1991) irão chamar arquétipos estruturadores; (4) os arquétipos que irão estruturar a mente e, gradativamente, formar um repertório para a organização mental se desenvolvem formando, progressivamente, as capacidades cognitivas; (5) desequilibrações e reequilibrações sucessivas desencadeadas a cada experiência vivida que desafiam e a subvertem constantemente da estabilidade dessas estruturas se tornam ingredientes para novas construções transitórias ao final de cada processo de reequilibração; (6) forma-se progressivamente repertório bombardeado constantemente por narrativas, expectativas, visões e percepções dos indivíduos que cercam esse sujeito: o imaginário.

A capacidade para organizar do mundo e, conseqüentemente, produzir, organizar e interpretar a informação, construir conhecimento e atribuir sentido ao mundo resulta desse percurso. Ao simplificar o universo, ela protege os indivíduos do terror da consciência do acaso e do fortuito, reduz o caos a dimensões cognoscíveis e a formas mais simples e organizadas reunindo indícios em tecidos coerentes (GINZBURG; DAVIN, 1980; PAULA, 2017) e cria a base da tendência a abraçar narrativas simplificadoras do mundo. Assim, ao produzir narrativas e de se apropriar delas (vincular-se às “ficções” de HARARI, 2017) o imaginário humano oferece consolação para a angústia produzida pela percepção do inevitável fim da existência individual e à incerteza de um universo em constante mutação (DURAND, 1997).

Ao se resgatarem as propostas da Escola Esquemática, obtém-se duas inspirações para a investigação dos processos que sustentam tanto a informação e o conhecimento científico, quanto as ficções manipuladas para produzir “pós-verdades” e *fake news*.

A primeira é a possibilidade dos estudos sobre os fenômenos infocomunicacionais transporem “uma categoria de estudos baseados em conceitos como “livro”, “documento” e “escrita”, ou ainda, “esquema” (Saldanha, 2018, p. 12)” (fundada na noção de esquema/*schéma*, compreendido como a representação figurativa de uma ideia, um diagrama ou

---

<sup>10</sup> Os símbolos (PAULA, 2011) são artefatos cognitivos que conectam dois ou mais elementos diferentes e de difícil conciliação/elaboração através da construção de um terceiro elemento integrativo (uma ponte imaginária, uma ficção), que estabelece a comunicação entre eles.

<sup>11</sup> Essa capacidade é a base “revolução cognitiva” (HARARI, 2017) que permitiu ao *Homo Sapiens* ascender, em relação aos outros *homo*, criando ficções: símbolos que evocam afetos e cognições.

mesmo desenho), para outro patamar (fundado na ampliação do conceito de esquema para *schème*: instrumentos mentais que permitem a generalização de condutas análogas sucessivas ao evidenciarem e conectarem elementos comuns a elas) que proponha uma *schèmetization* do plano epistemológico capaz de colocar a CI como uma referência integradora para todo o campo dos estudos informacionais.

A segunda, que a Escola Esquematista retira de Roubakine (1998)<sup>12</sup>, é o uso cognitivo que o autor faz do conceito de *mnéma* (e a sua conexão com a noção de *engramme*) e do fenômeno da percepção para abordar a materialidade da memória. Ao propor que a organicidade da memória resultaria da influência do conjunto das excitações acumuladas pelo sujeito ao longo da vida na percepção que ele estabelece sobre o mundo, Roubakine (1998) acena para as concepções de Piaget (1967) e Durand (1997).

Sua proposta é de que todas as atividades e processos vivenciais deixam marcas/irritações de sua passagem (*engrammes/engramas*) no cérebro. Assim, a pré-disposição para ações subsequentes teria origem nessa representação interna dos complexos de excitações vindos do exterior – rastros deixados para trás – guiando reações futuras ante “irritações” semelhantes e podendo conduzir a um retorno parcial a comportamentos ou percepções que ficaram associadas às “irritações” originais. Irritações que, sob a luz das proposições de Piaget e Durand, referenciarão padrões aplicáveis à diferenciação entre “irritações” divergentes, criando referenciais contextualizadores e organizadores para elas.

Aproveitando três das leis “bibliopsicológicas” citadas por Outlet (2018), a lei de Humboldt-Potebnia (as palavras são excitadoras e não transmissoras de pensamento); a de Hennequin (quanto mais próximas forem as organizações psíquicas de leitor e autor, maior será o efeito da obra sobre o leitor); e a lei de Taine (a origem, o meio e o momento histórico vivido pelos leitores determina sua mentalidade); pode-se antecipar papel dos “esquemas mentais” na construção de referenciais utilizáveis para significar e organizar informações.

Num exercício heurístico, caso se equiparem (1) os *schèmes* – como a origem mnemônica da estruturação da realidade (do Real de Piaget) pela confluência de reflexos

---

<sup>12</sup> As referências feitas aos estudos de Roubakine baseados em uma tradução em andamento da edição de 1998 do livro *Introduction à la psychologie bibliologique: La psychologie de la Création des Livres, de leur Distribution et Circulation, de leur Utilisation par les Lecteurs, les Ecoles, les Bibliothèques, les Librairies, etc. - Théorie et Pratique* (publicado originalmente em 1922 e, mesmo na edição de 1998 de difícil acesso no Brasil) que, no momento da redação deste artigo, vem sendo levada a cabo pelos grupos de pesquisa Ecce Liber (do IBICT-RJ) e GEDII (da UFMG).

motores condicionantes geneticamente herdados e determinados e de uma memória cultural “engramada”, organicamente, em redes sinápticas excitadas e ativadas pela ação – ; e (2) os *mnémas* (de Roubakine) – o produto de um conjunto de “irritações”/marcas (*engrammes*) que, sob a forma de uma rede de ideias, emoções, conhecimentos, desejos, sentimentos, reservas de consciência e de “subconsciência”, formariam as bases orgânicas da memória e da capacidade de representar, classificar e organizar o conhecimento – abre-se a possibilidade de responder uma das perguntas fundamentais da memética: qual é o substrato dos memes? – o chamado problema ontológico dos memes (LEAL-TOLEDO, 2017).

Estabelecer o diálogo entre a CI e a memética criaria um novo patamar no debate polarizador em torno de diferentes escolas e de suas conceituações de informação (GOUVEIA; SILVA, 2020) trazendo os modelos evolutivos de transferência de informações culturais para o Campo Informacional. Novas ferramentas viriam para relacionar tipologias informacionais (estruturada, não estruturada, verbal, não verbal, registrada, não registrada, etc.) e tipologias de registro (suportes físicos, bases informatizadas, etc.) num desenho descritivo/compreensivo das bases bio-psico-sociológicas para o estudo da informação, e para a compreensão de como as informações encontram a sustentação cognitiva que permite a sua disseminação.

Os modelos da memética tem a vantagem de explicar a propagação de determinadas ideias em detrimento de outras (independentemente da sua veracidade factual ou científica). O meme (DAWKINS, 2007), "unidade de cultura" (base de ideias, crenças, e padrões de comportamento) e análogo mental do gene, é passível de se “hospedar” em mentes individuais e se replicar pela comunicação, convertendo pessoas e meios de comunicação em mecanismos replicadores em busca novos hospedeiros num processo de replicação que pode alcançar dimensões pandêmicas.

O sucesso de um meme específico, independentemente do resultado prático dele na sobrevivência desse indivíduo em específico, é diretamente proporcional à sua contribuição para a eficácia da ação de seu hospedeiro no mundo (DAWKINS, 2007). Como no caso dos vírus, a importância da replicação do próprio meme se sobrepõe às consequências que indivíduo replicador em específico possa vir a sofrer diante do “computo” global dos memes transferidos. Um conjunto de memes/informações eficiente não é eficiente por sua verdade fática, mas porque se dissemina/reproduz facilmente. É “bom” (a despeito de seu valor concreto) por dirimir dúvidas, resolver problemas e reduzir a complexidade do mundo a partir de explicações consoladoras que reduzem angústia existencial.

Como uma **unidade mínima de informação**, o meme que tem potencial aglutinatório, reúne-se em grupos (memeplexos), para aproveitar a reunião das vantagens competitivas individuais e buscar uma autoreplicação mais eficiente. O elemento de seleção e associação desses memes é o potencial simplificador e explicativo deles para a experiência de seus hospedeiros: eles não possuem intencionalidade, mas as contingências nas quais eles se inserem acabam por dotá-los de atributos semelhantes a ela.

Advoga-se, finalmente, que a compreensão dessa intencionalidade aparente e a disposição para integrá-la à tessitura das diversas visões percorridas até aqui, oferecem a oportunidade para construir um modelo compreensivo da propagação das informações (verdadeiras ou falsas, fundamentadas ou não), de suas transformações e para aprofundar as reflexões sobre conceito de informação na Ciência da Informação.

## **5 CONCLUSÕES: SOBRE SONHOS DE PROTAGONISMO E ENGAJAMENTO**

Propor a CI como líder no trato transdisciplinar com a informação é mergulhar num oráculo probabilístico (RIBEIRO, 2019): um exercício de criar cenários futuros prováveis partindo de referências das disciplinas que formam o Campo Informacional e buscar padrões em teorias e concepções muitas vezes concorrentes. Exercitar o sonho (RIBEIRO, 2019) de, a partir de informações e conhecimentos recuperados do ontem, imaginar o amanhã num oceano de teorias e fenômenos onde somente a CI pode, enquanto Ciência jovem e em formação, se deslocar sem os limites impostos para outras disciplinas. É evocar a essência da Escola Esquematista (SALDANHA, 2018) e buscar ações práticas para estabelecer inter-relações e sobreposições rumo a uma teoria do conhecimento para o campo informacional que possua historicidade e convicção de que as questões fundamentais relativas à comunicação e à informação só podem ser enfrentadas conjugando uma abertura polimática (BURKE, 2020) com firmes posicionamentos e ações pragmáticas e políticas (FREIRE, 1992) que reúnam ensino, pesquisa e extensão.

## **REFERÊNCIAS**

ALBRIGHT, K.S. Psychodynamic perspectives in information behaviour. **Information Research**, v. 16, n. 1. paper 457, 2010. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/16-1/paper457.html> . Acesso em: 05 mar. 2021.

ARAÚJO, E. P. de O. **Comportamento informacional em processos decisórios estratégicos: dimensão simbólica do uso da informação por gestores**. Tese (Doutorado em Ciência da

Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ARAÚJO, E. P. de O. **Tomada de decisão organizacional e subjetividade**: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em processos decisórios. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2013.

ARAÚJO, E. P. de O.; PAULA, C. P. A. de; SILVA NETO, J. R. da; DIAS, D. de A.; FERREIRA, C. P. O meme como estratégia de marketing institucional em redes sociais digitais. **Media & Jornalismo**, 20(36), 73-91, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_36\\_4](https://doi.org/10.14195/2183-5462_36_4). Acesso em: 05 mar. 2021.

AUBERT, N. **Le Culte de L'Urgence**: La société malade du temps. Paris: Flammarion, 2003.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAWDEN, D.; ROBINSON, L. The dark side of information: overload, anxiety and other paradoxes and pathologies. **Journal of Information Science**, 2008, p. 1–12. Disponível em: <http://openaccess.city.ac.uk/3109/1/dark%20side%20of%20information.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2021.

BENSE, Max: O ensaio e sua prosa. **Revista Serrote**, abril de 2014. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2014/04/o-ensaio-e-sua-prosa/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

Biblioteca Dante Moreira Leite – Instituto de Psicologia – IP/USP (s.d). **O que é revisão de literatura?** São Paulo: Universidade de São Paulo. Folder.

BOECHAT, W. Complexo cultural e brasilidade. *In*: OLIVEIRA, H. **Desvelando a alma brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2018.

BUENO, E. **Capitães do Brasil**: a saga dos primeiros colonizadores. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

BURKE, Peter. **O polímata**: uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag. São Paulo: Unesp, 2020.

CAVALCANTE, C. A.; CAVALCANTI, A. P. **O que é o imaginário?** Olhar biopsicossocial da obra transdisciplinar de Gilbert Durand. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

DAVENPORT, T. **Ecologia da informação**. São Paulo: Futura, 1998.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- ECO, U. **Pape Satàn Aleppo**: crônicas de uma sociedade líquida. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- FORDHAM, M. The emergence of child analysis. **Journal of Analytical Psychology**, 25:4. p. 311-324, 1980. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1465-5922.1980.00311.x> . Acesso em: 05 mar. 2021.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GINZBURG, C; DAVIN, A. Morelli, Freud and Sherlock Holmes: Clues and Scientific Method. **History Workshop**, Oxford, 9, 5-36, Spring, 1980. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4288283> . acesso em 14 abr. 2021.
- GOUVEIA, L. B.; SILVA, A. M. da. A infocomunicação ou a convergência das ciências da informação e da comunicação para um objeto comum. **Páginas A&B**, Gabinete de Estudos A&B, S. 3, n. especial, p. 15-33, 2020. Disponível em <http://dx.doi.org/10.21747/21836671/pag2020a2> . Acesso em 14 abr. 2021.
- HARARI, Y. N. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- JUNG, C. G. Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico. *In: A dinâmica do inconsciente* (volume VIII das obras coligadas). Petrópolis: Vozes, 1991.
- KEEN, A. **O culto do amador**: como blogs, Myspace, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. São Paulo: Zahar, 2009.
- LEAL-TOLEDO, G. **Os memes e a memética**. São Paulo: FiloCzar, 2017.
- MAFFESOLI, M. O ritmo da vida. *In: MAFFESOLI, M. Variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- McLuhan, H. **Understanding Media**. London: Routledge, 1994.
- OBANA, J. E. G. **A epistemologia e a psicologia genética de Jean Piaget e as neurociências**: uma revisão sistemática (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP). Marília (SP), 2015. 143p. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123932/000832880.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 mai. 2021.
- OTLET, Paul. **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2018.
- PAULA, C.P.A. de. Uma epistemologia genética dos ecossistemas de desinformação? Problema interdisciplinar / resposta transdisciplinar. **Palavra Chave (La Plata)**, v.10, n.2, e122, abril/set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.24215/18539912e122>. Acesso em 6 abr. 2021.
- PAULA, C. P. A. A Abordagem Clínica da Informação e o Paradigma Indiciário: contribuições metodológicas de um diálogo para a introdução da dimensão do imaginário como tema na pesquisa das práticas informacionais em Ciência da Informação. **Prisma.com**, Porto, n.34,

p.24-45, 2017. Disponível em:

<http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/3174/2881>. Acesso em: 01 abr. 2021.

PAULA, C. P. A. de. Dimensões simbólicas e afetivas do uso da informação: uma análise das comunicações entre professores do departamento de psicologia de uma instituição de ensino superior pública brasileira. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, Número Especial, p. 118-132, out. 2012a. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/12539> . Acesso em: 14 abr. 2021.

PAULA, C. P. A. de. **Informação e psicodinâmica organizacional**: um estudo teórico.

Dissertação (Mestrado). Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1999. 206p. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-92YFY> . Acesso em: 14 abr. 2021.

PAULA, C. P. A. de. **O símbolo como mediador da comunicação nas organizações**: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de Psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira. Tese (Doutorado). Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. São Paulo: Instituto de Psicologia, 2005. 367p. Disponível em:

[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetaileObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=30101](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetaileObraForm.do?select_action=&co_obra=30101) . Acesso em: 14 abr. 2021.

PAULA, C. P. A. de. Proposta de metodologia para a investigação do comportamento de busca informacional e do processo de tomada de decisão dos líderes nas organizações: introduzindo uma abordagem clínica na informação. **Anais do XIII ENANCIB**. Rio de Janeiro: ICICT/FIOCRUZ. v. 1. p. 01-20, 2012b.

PAULA, C. P. A. de. Reflexões sobre o conceito de arquétipo numa perspectiva não metafísica: um diálogo sobre sua origem no mudo físico e os eu papel na organização do mundo através da mente. *In*: Lind, E. S.; Moraes, H. J. P. **Mídia cotidiano e imaginário**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

PIAGET, J. **Biologie et connaissance**: essai sur les relations entre les régulations organiques et les processus cognitifs. Paris: Gallimard, 1967.

PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.

PINHEIRO, L. V. R. Ciência da informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares. *In*: GONZÁLEZ DE GÓMES, M. N.; ORRICO, E. G. D. (Orgs.). **Políticas de memória e informação**: reflexos na organização do conhecimento. Natal: EDUFERN, 2006. p. 111-141.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. **Psicologia e epistemologia genética de Jean Piaget**. São Paulo: EPU, 1988.

RIBEIRO, S.. **O oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROUBAKINE, N. **Introduction à la psychologie bibliologique**. (T. I) Sofia: Association Internacionale de Bibliologie, 1998.

SALDANHA, Gustavo Silva. Epistemologia crítica e social da ciência da informação: 50 anos de uma escola dialética. *In*: XIX ENANCIB, 2018, Londrina. **Anais do XIX ENANCIB**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. v. 1. p. 01-20, 2018.

SILVA, A.M. **O GEDDI segundo Malheiro**. 2021. (0m34s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hNUinpe4Hbl> . Acesso em: 05 mar. 2021.

VENANCIO, L. S. O caminhar faz a trilha: o comportamento de busca da informação sob o enfoque da cognição situada. Dissertação. (Mestrado). Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

VIEIRA A.G. **Imagem, símbolo e narrativa na psicologia analítica de C.G. Jung**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 245 f, 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2897> . Acesso em: 05 mar. 2021.

XAVIER, R. C. M.; COSTA, R. O. da. Relações mútuas entre informação e conhecimento: o mesmo conceito?. **Ciência da Informação**, 39(2), p. 75-83, 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652010000200006&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652010000200006&lng=pt&tlng=pt) . Acesso em: 21 jan. 2021.